

Quatro dias na montanha

RICHARD WOODLEY

«Ele era meu filho, mas era acima de tudo um indivíduo, com seus dez anos e seus próprios caprichos, dúvidas e objetivos — não seria fácil chegar a conhecê-lo...»

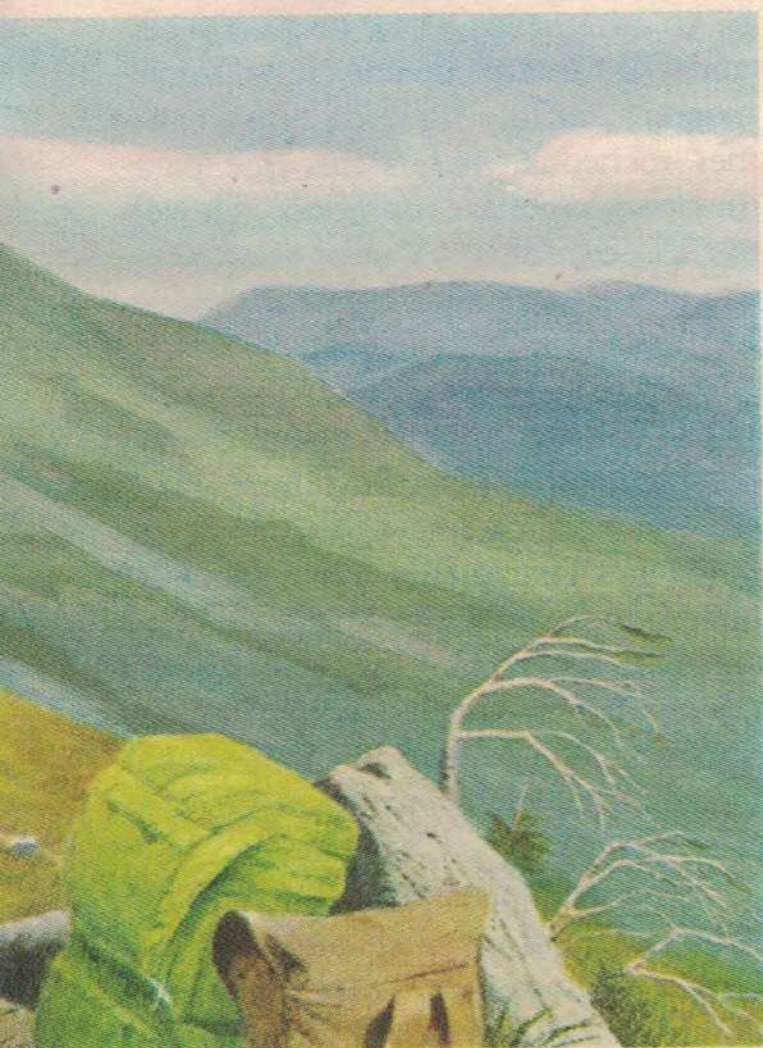
A TRAVÉS do binóculo, ele parecia dançar à beira do abismo, já acima do nível das árvores, pulando de rocha em rocha, subindo cada vez mais e deixando atrás de si apenas a neblina que ascendia lá do fundo do vale.

Eu utilizava o binóculo apenas para acreditar que o tinha mais perto, mas sabia que a proximidade era uma ilusão. Conseguia ver seus lábios se moverem, mas não podia ouvir as palavras. Guardei o binóculo com a impressão de que estivera sonhando, e rapidamente comecei a escalada para alcançá-lo. Daí a pouco, já estava perto o bastante para vê-lo erguer sua



mãozinha de criança acima da cabeça e ouvir-lhe a voz aguda sobressaindo no meio do vento: «O pico!»

Tínhamos ido às montanhas para um retiro. Nos últimos dez anos, tentando ser alguém na vida, eu mudara freqüentemente de emprego e deslocara minha família para lá e para cá. Essa década representava toda a vida do meu filho e eu queria agora conhecê-lo melhor. Estava também à procura de mim mesmo, ou, pelo menos, à procura daquilo que estaria refletido nele. Buscava igualmente o perdão por dez anos de desatenções para com ele. Talvez ainda não fosse tarde.



HAVÍAMOS começado as primeiras seis horas de escalada às oito da manhã do dia anterior, a caminho da nossa primeira parada, uma cabana que ficava a dois quilômetros e meio do pico da montanha. Avançávamos lado a lado pela trilha, conversando sobre a natureza e acerca de nossa resistência física. «Devagar e sempre», disse eu, recordando escaladas anteriores.

Ao fim da primeira hora e meia de caminhada, paramos para descansar no fundo de uma gigantesca reentrância rochosa de encostas íngremes, escavadas na Era Glacial. Tirei minha camisa ensopada de suor e estirei-a ao vento, falando, à maneira de guia turístico, sobre coisas da montanha e suas instáveis condições atmosféricas. Meu filho assentia atenciosamente.

A neve que ainda restava na ravina fora perigosamente minada pelas correntes de água que desciam a encosta. Impedidos de passar, éramos obrigados a escalar uma rampa íngreme à nossa direita, de forma a contornar o topo da ravina até a cabana. «E então», disse eu, «está preparado?» «Lógico!», respondeu.

Ele é pequeno e dócil. Seus fartos cabelos estão cortados em franja acima dos olhos. Tem espírito científico e temperamento resoluto. Gosta de futebol e basquete, e é bom nadador, mas não se anima em participar das equipes de competição, pois é míope e, às vezes, usa óculos. Tem o queixo recuado como eu, uma voz aguda, possui ratinhos mansos, um cachorro e um quarto todo bagunçado. Às vezes, é egoísta com a irmãzinha.

MEU FILHO caminhava alegremente mais à frente, junto à garotinha de uma família que havíamos encontrado pela trilha. Eu tentava acompanhá-los de perto, penando com uma mochila de 15 quilos e lamentando a intrusão de estranhos. Anos e anos de problemas e frustrações ferviam através dos meus poros e pingavam corpo abaixo.

Uma hora mais tarde, ali estava ele sentado sozinho; os outros tinham seguido em frente. «Só estou à sua espera», disse ele, sem grande entusiasmo. «Ainda bem que esperou», comentei. «Eu queria caminhar a seu lado.»

O vento nos fustigou subitamente no alto da trilha. Voltamos a escalar a serra através da neblina até atingirmos a cabana. Deixamos nosso equipamento lá dentro e fomos apreciar a brisa da tarde varrendo o cume da montanha. Ele jogou algumas pedras pela encosta. «Você gostava de atirar pedras quando era criança?»

«Claro», respondi, para satisfazer sua curiosidade.

«Amanhã, atingimos o pico, não é?», arriscou ele.

Naquela noite, enrolados em cobertores de lã, dormimos num beliche e escutamos o ruído do vento.

«Sabe por que tenho medo de dormir na cama de cima do beliche, mesmo sabendo que é mais gostoso?»

«Por quê?», perguntei.

«Porque certa vez, no acampamento, acordei caído no chão, com a cabeça machucada de verdade. Não conseguia andar, nem comer, nem mesmo dormir. Passei o dia inteiro sentado na cama.»

Em silêncio, lamentei a sua solidão durante aquele incidente. Ele nunca me falara nisso antes. Fiquei escutando sua respiração tranqüila, e desejei poder conhecer seus sonhos.

Acordei com dor de cabeça, cambúzio e desanimado, temendo o que um novo dia frio poderia nos trazer. Sei perfeitamente que não controlo muito bem os meus humores.

Uma neblina fria e densa envolvia todo o desfiladeiro, dificultando a visibilidade dos marcos do caminho, separados apenas dez metros uns dos outros. As constantes perguntas do meu filho punham-me os nervos à flor da pele. «Quem foi o mais rápido dos...?», «Que aconteceria se...?», «Como é que sabe...?»

Ao atingirmos a base do pico, a cerca de 750 metros do seu cume, iniciamos uma árdua escalada entre enormes rochedos, mas, assim que paramos para repousar um pouco, ele voltou às perguntas. «Vamos falar só de nós dois e da montanha, sim?», disse-lhe, quase com ar zangado.

Prosseguimos vagarosamente. «Compreendo o que você quer dizer», desabafou meu filho, respirando fundo. «Esta montanha é realmente difícil.» Era exatamente o que eu vinha querendo lhe mostrar, mas então pensei que talvez ele estivesse apenas querendo me agradar, e isso me incomodou ainda mais. «Vamos em frente», ordenei, «quero levar isto até o fim.»

Comecei a pensar que nem lá em cima, na montanha, as coisas iam dar certo entre nós dois. Estava deixando que as coisas fossem por água abaixo

— meu filho, o passeio, tudo. No final, ele acabaria por detestar até mesmo aquela nossa excursão. Querendo evitar maiores problemas entre nós, resolvi voltar para casa no dia seguinte.

Chegamos finalmente ao topo e nos misturamos com os turistas que tinham subido pelo outro lado, utilizando a rampa do leito de um antigo trem funicular. A essa hora, as nuvens pareciam mais densas do que nunca; não conseguíamos enxergar mais do que dez metros à nossa frente. «Afastete-se um pouco de mim», disse ele, «quero vê-lo desaparecer no meio da neblina.» Entrei pela bruma adentro, tiritando de cansaço, até ver desaparecer sua silhueta. Ele veio correndo ao meu encontro. «Até que enfim!», exclamou. «Até que enfim escalei esta montanha. Nunca imaginei que teria essa oportunidade.»

«Você nunca me falou que gostaria de vir», comentei.

Começamos a descer sem dizer palavra. Então, perguntei-lhe: «Você se importaria se voltássemos para casa amanhã?»

Ele encolheu os ombros e explicou: «Como você quiser.»

Alcançamos a cabana e nos sentamos num rochedo. «Você está escrevendo um artigo sobre a nossa excursão?», perguntou ele, atingindo-me em cheio. Eu me encontrava ali para ficar de fato com ele, mas era verdade, estivera a tomar nota de algumas coisas na noite anterior e ele o percebera. Eu tinha imaginado que valeria a pena escrever sobre um encontro entre um pai e o filho, e agora ele se sentia um dos meus temas literários.

«Talvez», disse eu, «mas, não tem importância.»

«Eu só estava pensando», prosseguiu ele, «que, se é isso que o preocupa, eu poderia ajudá-lo, pois me lembro de uma porção de coisas que aconteceram.»

Cerrei os olhos ao vento e ao cansaço. «Sabe de uma coisa?», concluí. «Vou lá para dentro tirar uma soneca. Além disso, não precisaremos voltar para casa amanhã. Vamos passear pelas serras.»

«Para os outros picos?», perguntou ele, exteriorizando grande alegria.

Permanecemos portanto, e continuamos a andar pelas montanhas. No penúltimo dia, iniciamos a descida por uma larga trilha circular que nos traria à estação inferior do bondinho e, em seguida, para cima, de volta à cabana.

Enxergávamos longe, quilômetros e quilômetros, com o sol batendo forte sobre nós, apesar dos altos-cúmulos se avolumando e os trovões ribombando à distância. «Gostava que viesse uma tempestade», disse ele. «Eu, também», acrescentei.

Seus pés começavam a incomodá-lo. Dei-lhe a mão. «Vamos! Temos que chegar à estação. Poderemos descansar lá e dar uma olhada nos seus pés.»

Continuamos para a estação do funicular, caminhando lentamente de mãos dadas. Ele reagia sutilmente à pressão dos meus dedos em sua mão. Sentamo-nos num banco, bebemos dos cantis e comemos sanduíches.

«Papai, o que você faria se eu quebrasse a perna no caminho?»

«Eu o carregaria», respondi para tranquilizá-lo.

«É o que eu devia fazer se você quebrassem a sua?»

«Você me carregaria», expliquei de novo.

Sorrimos. Disse-me que seus pés estavam melhorando e arrematou: «Podemos continuar agora.»

Durante duas horas sem parar, subimos a encosta alegremente, admirando uma belíssima cachoeira que mergulhava nas águas cristalinas de um pequeno lago, e olhando com temor para os vestígios de uma avalanche recente. De súbito, a tempestade nos alcançou.

«Você está bem?», foi a vez de ele me perguntar.

Ultrapassamos os últimos rochedos caminhando bem juntinhos. Inclinando-nos contra o vento, vencemos os derradeiros metros e lutamos para abrir a porta da cabana. Quando fomos nos deitar, o guarda da cabana nos disse que o vento soprava a uns 90 quilômetros por hora.

O dia seguinte amanheceu lindo, límpido e fresco. Percorremos a margem de um lago gelado, próximo à cabana, e subimos para outro pico. Sentamo-nos ao abrigo de um rochedo e meu filho se encostou em mim. Sentimos o vento soprar e escutamos um pássaro a cantar.

«Em que está pensando?», indaguei.

«Em andar pelas montanhas.»

«Só isso?»

«Bem, isso é o mais importante.»

Fechei os olhos e escutei o vento passar.

«Na minha idade, o que pensava ser quando crescesse?», perguntou.

«Advogado.»

«Por quê?»

«Porque meu pai era advogado.»

«É, acho que é por isso que penso em ser escritor. Como é que, no meio da tempestade, nós conseguimos de repente ficar mais fortes e subir mais depressa?»

«Acho que é porque fomos obrigados a fazê-lo. Entra mais adrenalina no sangue, e pronto.»

Levantamo-nos e iniciamos a caminhada de volta à cabana. Ele se abaixou para ver umas florzinhas da serra, e eu fiquei a observá-lo.

De repente, descobri que me tornara triste. Com nossas conversas casuais sobre tanta coisa, meu filho estava certamente a desvendar mistérios para si. No entanto, eu sabia que não havia possibilidade de decifrar as soluções que ele ia encontrando. Era meu filho, mas era também um indivíduo com seus dez anos e seus próprios caprichos, dúvidas e objetivos. Não seria fácil chegar a conhecê-lo, pelo menos em quatro dias nas montanhas.

Além disso, refleti, se nossas vidas se constroem com pequenas adições e subtrações, nós estávamos vivendo um momento importante. Eu me sentia menos só com ele do que na semana anterior.

«Bem», disse-lhe ao vê-lo levantar-se, «vamos embora amanhã cedo, está bem?»

«Sim», respondeu alegremente, «mas eu fiz tudo que estava com vontade de fazer.» ▲